
NO/PELO DISCURSO DO COLONIZADOR ENIO PIPINO, A FUNDAÇÃO DE SENTIDOS SOBRE GLEBA CELESTE EM MATO GROSSO ¹

Leandro José do Nascimento

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT-SINOP)

E-mail: lj.leandro@uol.com.br

Cristinne Leus Tomé

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT-SINOP)

E-mail: cristinne.tome@unemat.br

RESUMO

Este artigo discute como as práticas discursivas do empresário Enio Pipino fundaram sentidos sobre o projeto de colonização particular Gleba Celeste, criado em uma área superior a 600 mil hectares no norte de Mato Grosso e responsável pela criação das cidades de Vera, Sinop, Santa Carmem e Cláudia. A pesquisa utiliza como *corpus* de análise recortes da entrevista, concedida por Enio Pipino ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em 1982, integrando o projeto Memória da Amazônia. A Análise de Discurso Materialista Histórica, a partir dos pressupostos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, subsidiam as amarras teóricas necessárias à pesquisa. No/pelo discurso de Enio Pipino a Gleba Celeste é inserida ao escopo de iniciativas exitosas pró-migração rumo à Amazônia mato-grossense. Considera-a como um instrumento capaz de estimular o fluxo migratório e oferecer condições onde o migrante fixa-se, viva e se desenvolva.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Práticas Discursivas. Gleba Celeste. Enio Pipino.

IN/BY COLONIZER ENIO PIPINO'S DISCOURSE, THE FOUNDATION OF SENSES ABOUT GLEBA CELESTE IN MATO GROSSO

ABSTRACT

¹ Este artigo corresponde a um recorte da dissertação de mestrado intitulada (Re)ler o impresso Jornal Hoje: o discurso da construção de uma terra de progresso e oportunidade em Sinop – Mato Grosso, defendida pelo primeiro autor, no ano de 2018, sob orientação da segunda autora, no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* universitário de Sinop.

This article discusses how the businessman Enio Pipino's discursive practices founded senses on the Gleba Celeste private colonization project, created in an area superior to 600,000 hectares in the north of Mato Grosso and responsible for the creation of Vera, Sinop, Santa Carmem and Cláudia cities. The research uses the interview cutouts as corpus of analysis, granted by Enio Pipino to the Image and Sound Museum of São Paulo, in 1982, integrating the Memória da Amazônia (Amazon Memory) Project. The Historical Materialist Discourse Analysis, based on Michel Pêcheux's and Eni Orlandi's assumptions, subsidize the theoretical ties required for the research. In/by Enio Pipino's discourse, the Gleba Celeste is inserted to the scope of successful pro-migration initiatives towards the Amazon located in the region of Mato Grosso. It considers it as an instrument capable of stimulating the migratory flow and offering conditions where the migrant fix himself, alive and develop himself.

Keywords: Discourse Analysis. Discursive Practices. Gleba Celeste. Enio Pipino.

INTRODUÇÃO

A década de 1970 marca um importante período da história brasileira, em especial no que versa a implementação intensiva de políticas de Estado voltadas ao fomento e incentivo pró-ocupação de áreas pouco exploradas economicamente na Amazônia. A partir dos chamados “programas de desenvolvimento regional” (TEIXEIRA, 2006, p. 13), a exemplo do Programa para a Integração Nacional (PIN), Poloamazônia, entre outros, a agenda governamental pautou-se em dotar tal região de infraestrutura física e acesso às terras que se apresentavam aptas às colonizações. Projetos como a construção de estradas, a exemplo da BR-163, ainda na década de 1970, abriram caminho para a colonização dirigida pelo governo ou pelo setor privado. Os rasgos em meio à floresta logo transformaram os espaços e os tornaram aptos à exploração econômica.

Em meio a este contexto insere-se a fundação da Gleba Celeste no norte de Mato Grosso. Tratou-se de um projeto instituído pela empresa Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (Colonizadora SINOP S/A) e de propriedade dos empresários Enio Pipino (1917-1995) e João Pedro Moreira de Carvalho (1910-1995). Implantada em uma área superior a 600 mil hectares, na Gleba criaram-se quatro núcleos urbanos

de ocupação: primeiramente Vera, em 1972, Sinop e Santa Carmem em 1974 e, por último, Cláudia em 1978.

De acordo com Teixeira (2006, p. 45), “Sinop adquiriu a primazia entre os núcleos urbanos, passando a concentrar as atividades comerciais, industriais e de serviços, e, por suas funções, a comandar a vida de relações dentro da área”. Por sua vez, as menores Vera, Santa Carmem e Cláudia apresentaram-se tais quais “agrópolis” (MORENO, 2005a, p. 59). “Houve rápida transformação dessas áreas em núcleos urbanos, tendo Sinop alcançado a condição de município, em 1979; Vera, em 1986; Cláudia, em 1988; e Santa Carmem, em 1991” (MORENO, 2005a, p. 59).

Interessada em promover a atração de migrantes àquele novo empreendimento a Colonizadora Sinop, então, passou a se utilizar de uma maciça campanha publicitária e em cujo cerne situava-se “a busca de um ‘mundo novo’, da ‘Terra Prometida’” (ROHDEN, 2012, p. 179). Conforme descrevem Tomé, Nascimento, Camara Filho e Brito (2017, p. 66), “o povoamento da Gleba Celeste se fez por meio da propaganda, em cidades principalmente da Região Sul do Brasil”.

Tomando-se como base o discurso da criação da Gleba Celeste, a partir das práticas discursivas do empresário Enio Pipino, é que a presente investigação é lançada. Nela objetivamos refletir sobre os efeitos de sentidos produzidos no/pelo discurso do colonizador e como vão atuar na fundação de significados acerca deste empreendimento, situando-o ao rol de projetos bem-sucedidos e que corroboraram para a transformação do espaço norte-mato-grossense a partir da década de 1970. A análise é realizada sobre um *corpus* de pesquisa constituído por excertos da entrevista concedida pelo empresário, no ano de 1982, ao Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo.

A pesquisa segue três etapas. Na primeira delas, nominada “*O discurso e a produção de sentidos: a Análise de Discurso*”, o dispositivo teórico da Análise de Discurso Materialista Histórica é levado em conta, trabalhando-se com pressupostos fundamentais como o discurso, condições de produção, interdiscurso e formação imaginária. É pelo discurso, como descreve Orlandi (2015, p. 13-14), que se observa o homem falando, “considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto uma determinada forma de sociedade”.

Em seguida, em “*A Gleba Celeste em Mato Grosso*”, aborda-se o processo de criação da Gleba Celeste em meio à determinada condição sócio-histórica de formação. Por fim, em “*Sentidos sobre a Gleba Celeste*”, dedicamos atenção ao recorte da análise. Face a uma entrevista total de 53 minutos e 13 segundos e a impossibilidade de inseri-la integralmente ao *corpus* do trabalho o recorte que nos interessa é aquele que trata da Gleba Celeste a partir dos seguintes eixos: a) a atração do migrante; b) o objetivo do projeto de colonização; c) o migrante ideal desejado; d) o projeto e marcha migratória; e, e) o sucesso da Gleba *versus* o sucesso da empresara.

O DISCURSO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: A ANÁLISE DE DISCURSO

Inserir a Análise de Discurso nesta etapa inicial tem um porquê. Desde cedo, por meio das noções operatórias da teoria materialista histórica, somos conduzidos a pensar em uma forma de se observar o texto não como estrutura rígida, mas, também, como afetado por uma exterioridade. O percurso que se almeja é aquele de como determinada prática discursiva significa. Ao que situamos como Análise de Discurso Materialista Histórica compreende o conjunto teórico estabelecido na segunda metade da década de 1960, na França, pelo filósofo Michel Pêcheux.

Esse discurso ao qual remete Pêcheux e que norteia toda sua teoria não é aquele representado pela transmissão de informações de um emissor a outro receptor (tal qual o modelo informacional descrito por Jakobson), nem mesmo a fala em seu sentido literal, mas concebido como “efeito de sentidos” (PÊCHEUX, 2014a, p. 81) entre seus interlocutores. Por exemplo, “entre os sujeitos A (destinador/emissor/locutor) e B (destinatário/receptor/interlocutor), que ocupam determinados lugares na estrutura de uma formação social dada” (OLIVEIRA, 2012, p. 122).

Esse mesmo discurso, como aponta Michel Pêcheux (2014b, p. 66), produz-se e se sustenta em face às diferentes condições de produções e o seu sentido situa-se sempre em “relação à”. O sistema significante e a relação deste com sua exterioridade é o que vai supor o discurso. Partindo deste princípio, Pêcheux (2014c, p. 146) aponta a impossibilidade de existência de um sentido visto de forma isolada, pois, segundo

ele, “não existe ‘em si mesmo’, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Assim, à medida que as posições daqueles produtores dessas palavras mudam de lugar, da mesma forma alternam-se os sentidos produzidos.

Para a teoria materialista o próprio sujeito não representa a origem daquilo que diz, pois, como explica Orlandi (1996, p. 49), ele é definido “pela relação com um sistema significante investido de sentidos”. Isto é, “esse sujeito que se define como ‘posição’ é um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva” (ORLANDI, 1996, p. 49). A formação discursiva e o interdiscurso compreendem dois dos conceitos basilares nesta investigação.

A FD é designada por Pêcheux (2014b, p. 147) como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Para o filósofo, “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido (sua ‘matriz’, por assim dizer) [...]” (PÊCHEUX, 2014c, p. 148). Ao formular uma de suas duas teses para explicar o conceito teórico da FD, Pêcheux (2014c, p. 148-149) postula que toda “formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincando no complexo das formações ideológicas”. O complexo dominante será nominado pelo autor como o interdiscurso.

O próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014c, p. 149, grifos do autor).

Por este “falar antes” em “em algum lugar” é que se inscreve a noção teórica de interdiscurso. É o interdiscurso, inserido no complexo das formações imaginárias, afirma Pêcheux (2014c, p. 149), que fornece ao sujeito “sua realidade – enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas”.

Orlandi (2015, p. 29) apresenta o interdiscurso como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”. O interdiscurso, então, é entendido como um conjunto de formulações já realizadas em uma relação de tempo-espço e que também atuará na produção de sentidos. Como postula Orlandi (2015, p. 31-32), “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso”.

Ao término desta discussão acerca das noções operatórias em AD, inserimos outras duas ao debate: inicialmente, a de condições de produção e, por último, a formação imaginária. Expõe Pêcheux (2014a, p. 74) que as condições de produção se assemelham ao “papel dado ao contexto ou à situação, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão”. É o que subsidiará, em partes, a constituição de um discurso.

Eni Orlandi (2015, p. 28) pontua que as condições de produção compreendem “fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Contribuindo com esse debate, Mussalin (2007, p. 106) elenca que “as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações”, porque se ligam intimamente aos efeitos de sentidos, sendo fonte destes. Michel Pêcheux também situa ao contexto das condições de produção do discurso as chamadas formações imaginárias e que “designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro* [...]” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82, grifos do autor). São essas regras de projeção que compreendem tanto as relações quanto as posições.

A GLEBA CELESTE EM MATO GROSSO

O modelo de colonização particular, predominantemente, configurou-se como um dos responsáveis pela ocupação da região norte mato-grossense. Apoiadas por “incentivos fiscais e creditícios” (TEIXEIRA 2006, p. 23) as empresas instituíram diferentes projetos ao longo do traçado da rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163). Para implantar a Gleba Celeste, a Colonizadora SINOP S/A, inicialmente, estabeleceu o primeiro contato por meio de reconhecimento aéreo da área. Os pontos de referência eram os rios Teles Pires, Caiabi e Tartaruga.

Nós começamos o nosso trabalho de pesquisa e estudo em 1972, nessa época nós entramos com 400 homens, na BR-163. Estava apenas projetada. Entramos com 400 homens, descemos o rio Verde depois subimos o Teles Pires até encontrar o rio Kaiabi. Dali subimos pelo rio Kaiabi e fizemos a implantação da primeira civilização. Floresta fechada, zero demográfico, ninguém, ninguém ninguém (PIPINO, 1982).

Após o reconhecimento aéreo, de acordo com Souza (2015), a equipe, então liderada por Ulrich Grabert, passa a promover a demarcação da área. Após 40 dias do reconhecimento, pontua Souza (2015, p. 122-123), “instala-se o primeiro núcleo colonial na Gleba Celeste: a cidade de Vera”. O período coincidia com o processo de abertura também da BR-163 na região de Lucas do Rio Verde,

porém, com o deslocamento do eixo desta Rodovia, não passando mais pelo núcleo de Vera e sim, por outra parte da gleba, e a Colonizadora, necessitando de um núcleo colonial, estrategicamente localizado às margens da rodovia, implantou o núcleo colonial de Sinop. No ano de 1972, iniciou-se a abertura da cidade de Sinop na altura do km 500, no sentido Cuiabá-Santarém. As primeiras casas foram construídas provisoriamente de lona e, mais tarde, de madeira. Foram iniciados também os serviços de desmatamento e terraplanagem, com abertura das primeiras ruas, avenidas e estradas vicinais (SOUZA, 2015, p. 123).

O projeto da Gleba Celeste, mais que voltado à exploração econômica da área, também marcou a construção de um espaço social, bem como a instituição de um “discurso que exalta o trabalho e o desenvolvimento econômico, a ordem e a família (SOUZA, 2015, p. 123). Quanto à organização territorial da Gleba Celeste, Teixeira (2006, p. 60) explica que ela se deu “a partir de uma divisão em setores compostos de chácaras, lotes rurais e um centro, chamado de Centro de Convergência ou Comunidade, tendo como base urbana os chamados Núcleos Coloniais” equivalentes a centros urbanos.

Compuseram a Gleba Celeste, de acordo com a autora, cinco partes: na primeira delas situou-se “o município de Vera; a segunda corresponde ao município de Santa Carmem; na terceira e quarta partes foi instalado o município de Sinop; e a quinta parte é onde se localiza o município de Cláudia” (TEIXEIRA, 2006, p. 43).

A maior parte dos migrantes que chegou até a Gleba Celeste originava-se do Sul do Brasil, predominantemente dos Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, onde

a empresa privada realizou sua maciça campanha publicitária. Tomé e Korpalski (2012, p. 120) destacam o papel e a realização das campanhas pró-migração da seguinte maneira: “o estado e empresas colonizadoras privadas fizeram manifestações favoráveis à migração [...] realizavam reuniões e assembleias, expondo as possibilidades de adquirirem sua própria terra”.

Ainda segundo as autoras, a rádio e a televisão eram formas de tornar a informação [da oferta de terras na Amazônia norte Mato-grossense] pública, sendo canais favoráveis veiculação de campanhas em cujo cerne estava a existência de terras em abundância naquele novo território onde a Colonizadora SINOP S/A atuava.

SENTIDOS SOBRE A GLEBA CELESTE

De acordo com o colonizador Enio Pipino (1982), o projeto da Gleba Celeste surgiu em meio a um período em que no norte de Mato Grosso a infraestrutura era quase que inexistente. As estradas com pavimentação não existiam, pois, a única rota de acesso – a BR-163, só começou a ser asfaltada em 1982. O que se via, como afirmava o empresário, era um plano de “floresta fechada, zero demográfico, ninguém, ninguém, ninguém” (PIPINO, 1982), mas sujeito a ser modificado pelo projeto de colonização. Para povoar o espaço a Colonizadora Sinop precisava, então, promovê-lo e divulgá-lo fora dos limites de Mato Grosso. Na primeira das sequências discursivas o dizer de Enio Pipino opera na construção de um sentido de terra apta ao recebimento dos migrantes, bem como de tornar os planos de atuação do grupo conhecidos no restante do país.

Sequência Discursiva 01: Nós fazemos um trabalho de persuasão muito grande [...] pega aqui do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Em todos esses Estados nós temos gente oferecendo terras e oferecendo as condições [...] e as informações para que a criatura passe acreditar na Amazônia [...].

Na primeira parte da sequência discursiva Enio Pipino alude aos Estados onde a empresa particular investiu na divulgação publicitária para atrair o maior contingente populacional à área. Ao se referir ao “oferecendo terras e oferecendo as condições” o sentido que se apresenta está atrelado à oferta comercial das terras, pois o migrante,

ao se dispor a adquiri-las, assumia um compromisso financeiro com a empresa, devendo honrá-lo mediante pagamento. Já estas “condições” (SD 01) são significadas enquanto sinônimo de facilidades para quitação dos débitos para com a empresa, além, também, das iniciativas de ordem econômica para assegurar a permanência do migrante, promover sua fixação e o desenvolvimento local.

Tais ações seriam demandadas para que, conforme o colonizador, “a criatura passe acreditar na Amazônia” (SD 01). Embora o dizer de Enio Pipino date de 1982, sobre ele incidem traços de uma memória discursiva que remete a um período anterior ao próprio discurso do empresário. Isto porque o “acreditar na Amazônia” recupera os mesmos sentidos do discurso pró-migração idealizado pelo Estado brasileiro e que versava sobre acreditar a Amazônia para, conseqüentemente, fazerem-se cumprir os planos de interiorização do capital.

Ao trazer para o fio do discurso a memória discursiva, o dizer de Enio Pipino fornece pistas “sempre-já-ali” que, ao serem acionadas, vão suscitar características da política de integração, o surgimento de espaços e de polos econômicos, estando elas inseridas perante uma formação discursiva governamental.

Segundo o colonizador Enio Pipino, a Gleba Celeste deveria atuar em frentes tanto de manutenção do migrante, na consolidação de atividades que pudessem gerar renda na área colonizada quanto na estruturação regional. Na sequência discursiva adiante os sentidos mobilizados são aqueles que significam os objetivos do projeto de colonização:

Sequência Discursiva 02: Fixação da criatura humana, produção agrícola, industrialização e possibilidade para que nós pudéssemos fazer energia carburante e, também, para possibilitar que estes homens que faziam conosco a mesma aventura encontrassem na Amazônia um meio de sobrevivência e participassem do progresso, dessa grande aventura (PIPINO, 1982).

De acordo com o efeito de sentido que se apresenta, as ações de fixar, produzir e industrializar apresentavam-se tais como um percurso gradativo, isto é, etapas pelas quais a Gleba Celeste passaria. Primeiramente, focado no migrante (sua fixação), depois, na produção (a exemplo de culturas agrícolas) e a industrialização da matéria-prima produzida na região. Nos anos iniciais da Gleba Celeste, o “café, arroz, milho, pimenta do reino e alguns ao cultivo do guaraná” (SANTOS, 2011, p. 117)

consolidaram-se como as principais culturas praticadas. Por outro lado, outras também foram inseridas, a exemplo da mandioca, para possibilitar a industrialização citada pelo empresário.

A produção desta raiz, de forma a possibilitar o “progresso” industrial (SD 02) pretendido, motivou o surgimento de uma indústria na área da Gleba Celeste, mais precisamente em Sinop. Tratou-se da SINOP Agroquímica S/A, cuja construção teve início em 1979. Deveria ela ser responsável pela “produção de energia carburante” (SD 02), isto é, o etanol. Sua implantação, como descreve Santos (2011, p. 117), movimentou a cidade em diferentes aspectos, a exemplo das “inúmeras visitas de empresários e autoridades do Brasil e de outros países. Em 1982, iniciou suas atividades gerando grande número de empregos diretos e indiretos”. A empresa fechou as portas em 1992.

Mas os esforços da empresa para que a Gleba Celeste atingisse os propósitos traçados também se ligavam diretamente ao migrante que àquela região deslocar-se-ia. O sentido de migrante ideal buscado pelo grupo durante o processo de colonização era aquele que em uma única figura predominasse o bom, o ordeiro e o orientado. Entretanto, ao mesmo tempo em que elege as características procuradas no futuro morador, Pipino (1982) apaga de seu dizer aquele grupo pelo qual o projeto não se interessava: pessoas desordeiras, população desorientada, maus agricultores e produtores ruins.

Sequência Discursiva 03: [...] a nossa grande preocupação era que a Amazônia fosse ordenadamente ocupada e ela está sendo ocupada ordenadamente com gente de primeira grandeza, bons produtores, bons agricultores, homens ordeiros, populações orientadas.

A seleção dos moradores para a área, segundo Enio Pipino, também levava em consideração os diferentes perfis do público que se pretendia conquistar, porque cada contingente de beneficiários era abordado de forma diferente. Eram, ao menos, três as categorias-alvo e para as quais a empresa privada passou a centrar esforços, a fim de atraí-las: no primeiro grupo estavam homens mais velhos que precisavam conquistar novos pedaços de terra para a família; outros na faixa etária dos 45 anos, e, por último, os mais jovens e desbravadores, com espírito aventureiro.

Contudo, para os três perfis a compra de terras só seria possível onde os preços fossem-lhes favoráveis, diferentemente daqueles Estados de origem. Sobre estes grupos de migrantes Enio Pipino funda sentidos de desbravadores, homens e mulheres dignos de reconhecimento e mérito pelos esforços em implantar uma civilização na região norte de Mato Grosso.

Sequência Discursiva 04: O homem sai e vai abrir lá na Amazônia. Isto é, também, uma aventura. Isto é uma aventura que eu acho glorificada, eu acho que cada criatura daquela devia ser condecorado, porque ele tá prestando pra nação um grande trabalho, o trabalho da ocupação da Amazônia, desse grande espaço vazio (PIPINO, 1982).

Ao remeter à Amazônia enquanto “espaço vazio” (SD 04) Pipino uma vez mais inscreve seu discurso sobre um já-dito e proveniente de formação discursiva de ordem estatal. No caso, aquela na qual se filiavam os discursos do governo militar dos anos de 1930, período em que se acentuou o movimento da Marcha para o Oeste. Indica Moreno (2005b, p. 61) que “política de ocupação dos ‘espaços vazios’ da Amazônia e do Centro-Oeste teve início com a ‘marcha para o oeste’, objetivando diversificar a agricultura para dar sustentação ao processo de industrialização concentrado na região centro-sul do país”. Nesta formação discursiva os discursos pareciam justificar o povoamento da Amazônia. Não se atentavam, entretanto, às populações tradicionais que já residiam nas áreas.

Se o dizer “espaço vazio” no/pelo discurso do colonizador produz significação é porque ele já produziu sentido antes mesmo de ser dito por Enio Pipino, a partir do efeito do interdiscurso. “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passado para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (ORLANDI, 2015, p. 32).

Nesta mesma sequência discursiva, quando o colonizador faz alusão aos movimentos de “sair e abrir na Amazônia” (SD 04) os sentidos da formulação pressupõem à abertura da Amazônia tanto em âmbito política de governo bem como o caso da Gleba Celeste.

Entre 1972, ano de implementação do primeiro núcleo urbano da Gleba – Vera – até 1982, quando Pipino concedeu a entrevista ao Museu da Imagem e do Som, o número de habitantes na Gleba Celeste já se aproximava dos 50 mil moradores,

segundo o empresário paulista. “Vivem hoje em torno de 45 a 50 mil pessoas nesta área de colonização feita pela Sinop” (PIPINO, 1982). Para o colonizador, o projeto fomentou não somente a movimentação para Mato Grosso, mas auxiliou no que ele chamou de “modificação na marcha do homem” em direção à Amazônia.

Sequência Discursiva 05: E começamos, ao abriremos os mil e quinhentos quilômetros de estrada nesta região, começamos a perceber que a marcha do homem com destino ao Paraguai já se voltava mais com destino à penetração que começávamos a fazer no Mato Grosso. E eu tenho hoje quase que um orgulho pessoal em pensar assim: nós conseguimos modificar a marcha do homem em busca de novas aventuras. Nós mudamos o roteiro das migrações encaminhando-os para o norte do Mato Grosso e também para Rondônia [...]

Nos sentidos pelo discurso estão o de um projeto de colonização que, ao ser criado, foi capaz de estimular uma inversão no fluxo migratório brasileiro, fazendo com que o homem optasse pela Amazônia brasileira, em especial o norte de Mato Grosso, e não deixasse o país em direção aos países vizinhos como o Paraguai e Argentina (“marcha do homem com destino ao Paraguai já se voltava mais com destino à penetração que começávamos a fazer no Mato Grosso”). Igualmente, ao empregar dizeres como “conseguimos modificar” e “mudamos o roteiro das migrações” Enio Pipino sinaliza uma confirmação, isto é, uma consequência positiva da criação da Gleba Celeste. Acentua a relação de causa/consequência desta iniciativa em âmbito da política de colonização brasileira.

O sentido afasta-se da dúvida e da incerteza, demonstrando, pelo discurso do empresário, como o empreendimento direcionou a migração em Mato Grosso. Ou seja, está-se fundando um imaginário de um projeto de colonização pioneiro às margens da BR-163 Cuiabá-Santarém. Em seu dizer, a “marcha do homem” (SD 05) assume o sentido de movimento, de curso, de seguimento. Tal qual uma evolução, o homem que buscava a “aventura” (SD 05) ao marchar era, segundo exprime o colonizador, o migrante interessado em uma vida melhor àquela que levava em sua terra natal. Para isso, ele precisava se lançar rumo ao desconhecido. Essa aventura, segundo o discurso do colonizador, assemelhava-se uma façanha corajosa.

Conforme apresenta-nos a teoria materialista histórica, os “fatos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso

e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação” (ORLANDI, 2015, 66). Enio Pipino toma a Gleba Celeste enquanto um produto discursivo, construído não sobre uma base individual, mas amparado em outras memórias discursivas e que o discurso atual ressignifica. No conjunto de práticas discursivas observadas até o momento (SD 01 a SD 05) Enio Pipino constrói o sentido de um projeto de colonização que situa a empresa, o migrante e o êxito em um plano de coexistência e no qual os papéis são preestabelecidos.

Inicialmente, a missão da empresa era atuar na divulgação do projeto (“nós temos gente oferecendo terras e oferecendo as condições”- SD 01) e possibilitar que nele ocorresse a “fixação da criatura humana, produção agrícola, industrialização” (SD 02); onde os homens “encontrassem na Amazônia um meio de sobrevivência e participassem do progresso, dessa grande aventura” (SD 02). Por sua vez, apenas os “bons produtores, bons agricultores, homens ordeiros, populações orientadas” (SD 03) apresentavam-se como protagonistas ao assumirem para si os ideais da Colonizadora Sinop. Em meio à aventura, cada uma destas pessoas deveria ser reconhecida por estar “prestando pra nação um grande trabalho, o trabalho da ocupação da Amazônia, desse grande espaço vazio” (SD 04). Logo, permitiu-se “modificar a marcha do homem” (SD 05).

Paralelamente ao cenário, o sucesso da Gleba Celeste também equivaleria ao êxito da própria empresa particular e dos serviços por ela prestados. Segundo o colonizador, todas as estratégias comerciais, econômicas, políticas ou outras em âmbito Gleba Celeste portavam-se tais quais “fatores de segurança” (SD 07) para permitir que tanto o migrante quanto a empresa comungassem dos resultados favoráveis. O que a Colonizadora SINOP estava fazendo é representada no dizer de Enio Pipino como um “zelo” (SD 06), um desejo em cuidar.

Sequência Discursiva 06: Se nós todos tivermos o grande medo que a Sinop de perder o seu nome num projeto de colonização desse porte, depois de 25 anos era absolutamente indispensável que nós zelássemos pelo nome que nós conseguimos à custa de tanto sacrifício.

Sequência Discursiva 07: Daí a razão porque nós nos preocupamos sempre porque a nossa sorte estava ligada a sorte também do sucesso agrícola dessas criaturas, e daí porque nós nos preocupamos

e nos cercamos de todos esses fatores de segurança para que o homem pudesse produzir, criar e poder também fazer com que ele pudesse cumprir as suas obrigações com a empresa.

Ao empregar o sentido de certeza, mediante uso do advérbio “absolutamente” (SD 06), Enio Pipino aproxima a Gleba Celeste à imagem da própria empresa colonizadora. Isto é, depois de 25 anos de mercado, o sucesso advindo da iniciativa da Gleba equivaleria a manter a tradição e o respeito obtidos por esta empresa no curso de suas mais de duas décadas de trabalho no Paraná. Na contramão deste sentido, fracassar com a Gleba Celeste corresponderia igualmente à ruína da empresa. (“indispensável que nós zelássemos pelo nome que conquistamos à custa de tanto sacrifício” – SD 06).

Na prática discursiva o empresário afasta quaisquer sentidos que demonstrem dúvidas ou incertezas quanto à criação da Gleba Celeste. A ‘preocupação’ (SD 07) em torno deste empreendimento fazia-se necessária porque a “nossa sorte estava ligada a sorte também do sucesso agrícola dessas criaturas” (SD 07), asseverando uma relação de dependência. A Gleba dependia da empresa, esta, por sua vez, do morador. Este tripé, pelo sentido que emana do discurso, sustentaria o negócio criado em Mato Grosso e manteria interdependentes estas três figuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho tecemos algumas considerações baseados no percurso tomado. Objetivando discutir os efeitos de sentidos construídos sobre a Gleba Celeste no/pelo discurso do colonizador Enio Pipino observamos um conjunto de práticas discursivas datadas do ano de 1982, quando da concessão da entrevista ao Museu da Imagem e do Som. A partir de um recorte estabelecido, inserimos ao debate aquelas que significavam o projeto particular a partir de um roteiro onde fosse tratar da relação com a atração do migrante, depois o objetivo do projeto de colonização, passando pelo que esperava ser o morador ideal, uma iniciativa capaz de promover mudanças no fluxo migratório e, por fim, uma projeto de colonização capaz de assegurar a sobrevivência da empresa.

Observamos, inicialmente, o contexto de criação da Gleba Celeste para nos colocarmos diante das condições de produção que proporcionaram sua fundação e justificaram que um ou mais dizeres sobre este projeto fossem instituídos e passassem a significar. O percurso teórico baseou-se na teoria materialista histórica da Análise de Discurso.

No contexto geral das práticas discursivas podemos considerar que a Gleba Celeste representou para a Colonizadora SINOP e o empresário Enio Pipino o resultado de um esforço idealizado em frentes de: 1) colonização (a empresa também aderiu ao movimento colonizatório e que se delineou mais intensamente pelas ações da iniciativa privada); 2) um êxito (por fomentar o direcionamento da migração para a região norte de Mato Grosso); 3) um igual desafio (embora os esforços da empresa fossem os grandes responsáveis por este empreendimento, sem o migrante eles não se sustentariam) sendo, então, necessário priorizar aqueles cujo estereótipo representava o 4) modelo ideal.

A construção imaginária sobre a Gleba Celeste a fez assumir o sentido de protagonista porque movimentou o migrante em direção a uma região desconhecida, manteve a credibilidade da empresa em seu ramo de atividade e se tornou um projeto consolidado, segundo o fundador do empreendimento.

REFERÊNCIAS

MORENO, Gislaene. A colonização no século XX. In: MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza (Orgs.). **Geografia de Mato Grosso**: território, sociedade, ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005a. cap. 4, p. 52-71.

_____. A colonização no século XX. In: MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza (Orgs.). **Geografia de Mato Grosso**: território, sociedade, ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005b. cap. 4, p. 52-71.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana. (Orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Cândida. **Credibilidade no discurso jornalístico**: tradição e autoridade nos editoriais da Folha de S.Paulo no marco de seus 90 anos. 2012. 257 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise.; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. p. 57-67.

_____. A forma do sujeito do discurso. In:_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2014c. p. 145-168.

PIPINO, Enio. **Enio Pipino**: entrevista [01 jul. 1982]. Entrevistadores: José Carlos Pereira de Freitas, Bacilla Neto. São Paulo, SP, 1982. Gravação digital de áudio (53:13). Entrevista concedida ao Projeto Memória da Amazônia do Museu da Imagem e do Som.

ROHDEN, Josiane Brolo. **A reinvenção da escola**: história, memória e práticas educativas no período colonizatório de Sinop-MT (1973-1979). 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, Mato Grosso, 2012.

SANTOS, Luiz Erardi F. **Raízes da História de Sinop**. Sinop: Midiograf, 2011.

SOUZA, Edison Antônio de. Sinop: Espaço e Memória. In: DIAS, Marieta Prata Lima; PHILIPPSEN, Neusa Inês; PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia (Orgs.). **Amazônia**: visão caleidoscópica. Recife: Pipa Comunicação, 2015, p. 121-145.

TEIXEIRA, Luciana. **A colonização do Norte de Mato Grosso**: o exemplo da Gleba Celeste. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, São Paulo, 2006.

TOMÉ, Cristinne Leus.; Korpalski, Margarida. O discurso formador na construção de imaginários da cidade de Terra Nova do Norte – MT e sua relação com o processo migratório do sul do Brasil em direção à Amazônia Legal. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.3, n.1, Número Especial, p. 118–129, abr. 2012. Disponível em:<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/607>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

_____; NASCIMENTO, Leandro José do; CAMERA FILHO, Milton Mauad de; BRITO, Aureir Alves. A “mãezona” de todos: a prática discursiva sobre dona Nilza de



Oliveira Pipino na Gleba Celeste, na década de 1970. In: 25º SEMIEDU - EDUCAÇÃO, DIVERSIDADES CULTURAIS, SUJEITOS E SABERES, 2017, Cuiabá. **Anais...**Cuiabá: UFMT, 2017. p. 60-76.